
O LÚDICO NA VIDA

Elizara Carolina Marin

Resumo

Este artigo trata das imbricações entre trabalho e diversão na vida de mulheres colonas. Baseado no percurso realizado através de entrevistas e observações, busca apontar que as especificidades não comportam generalizações. Os estudos sobre o lazer, em sua maioria, prendem-se na discussão na dicotomia trabalho e lazer. Restringir-se à dicotomia trabalho e lazer não seria desconsiderar as outras esferas da vida humana e outras formas de manifestação social? Se não quisermos fechar os olhos às artificialidades geradas pelo sistema industrial e às suas conseqüências, poderemos aprender através da voz e das mãos das colonas que o trabalho e a diversão, antes de serem tempos determinados e atividades determinadas, são partes articuladas constituintes da vida.

Palavras-Chave

Trabalho; Lazer; Mulher; Vida.

Abstract

This article deals with the relationship between work and leisure in the lives of rural women. It is based on work achieved through interviews and observation, and it aims to show that there is no room for specifics, which allow generalization. On the whole, studies on leisure are bound to the discussion dichotomy of work and leisure. Wouldn't closing one's eyes to the other spheres of human life and other forms of social manifestation be a restrictive form of viewing the dichotomy of work and leisure? Should we not want to close our eyes to the superficiality geared by the industrial system and its consequences, we would be able to learn through the voices and hands of these women that work and leisure, before being determined periods of time and activities, are part of articulated constituents of life.

Key-Words

Work; Leisure; Woman; Life.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de minha dissertação em Educação Física (área de concentração: Estudos do Lazer) apresentada na Unicamp. A pesquisa de campo foi realizada em Vale Vêneto-RS. Para compreender como o lúdico apresentava-se na vida das mulheres pesquisadas foi necessário longo percurso de entrevistas e observações. Uma preocupação constante foi identificar as relações entre trabalho e diversão, quando no decorrer das conversas o discurso do trabalho era a marca.

Percebi que os conceitos incorporados por nós constituem-se como empecilhos. Eles regem nossa visão de mundo e fecham os olhos a outras possibilidades e outras formas de vida. A ação de pesquisar clama por um movimento nas vestes rígidas preconcebidas. Uma vez imbuída pelo discurso do lazer enquanto um tempo específico para o usufruto, concluiria a não existência desse na vida das colonas. Ou se o pensasse enquanto atividades determinadas afirmaria de imediato sua escassez nesse contexto.

Percebi, além disso, existir um hiato entre o discurso das colonas e o vivido por elas. A moral do trabalho fortemente introjetada e constantemente alimentada na vida dessas mulheres sucumbe o discurso do nada fazer, do descanso, da diversão. E, por último, percebi haver um hiato entre o enunciado por certos conceitos e a vida dessas personagens.

A realidade pesquisada apresenta-se pouco considerada pelos estudos do lazer. Se o lazer encontra-se relegado enquanto tema de pesquisa, ainda mais pela mediação do rural. Em geral, consta nos estudos, através de abordagem indireta ou como contraponto de outra realidade. Assim se apresenta, talvez, porque o lazer no meio rural não seja considerado um problema. Ou porque o lazer seja considerado fruto do sistema industrial instaurador da divisão entre trabalho e não-trabalho. E, desta forma, as imbricações no meio rural entre diversão e vida não são consideradas lazer.

As discussões dos autores sobre o lazer prendem-se, em sua maioria, a um tipo de sociedade e de relações sociais, desconsiderando a diversidade contida dentro dela. As palavras de Gilles Pronovost¹ aqui são oportunas, ao levantar que pensar os conceitos de lazer fora da história e das suas especificidades torna-se um tanto estreito e limitado.

Para teorizar sobre determinado aspecto da vida e do mundo, precisamos direcionar a eles nosso olhares e demais sentidos. Uma teoria não pode dar-se fora do horizonte da prática. Ensina Otaviano Pereira que a

¹ PRONOVOST, G. *Loisir, culture et société*.

teoria não enraizada

neste pressuposto não é teoria porque permanece no horizonte da abstração, da conjectura, porque não ascendeu ao nível da ação. Por conseguinte, não permitiu ao homem avançar em direção à práxis. Práxis entendida como o coroamento da relação teoria/prática e como questão eminentemente humana.²

Cada grupo social engendra relações particulares e significativas, e estas devem ser consideradas. Pensar na questão do lazer inserida num contexto cultural é pensar na ação humana e nas inter-relações deste com a natureza e seus semelhantes.

Acompanhar e observar o cotidiano se fez imprescindível. Nele, encontrei riqueza de detalhes, o cenário onde pulsa a vida. Em torno dos afazeres da roça e da casa, das orações e das festas, gira a vida. O trabalho de semear e colher os grãos da terra movem as colunas pelos dias e anos, se não diretamente na lida da enxada, cuidando da manutenção da casa e dos membros da família. Criam e recriam formas de existência através do trabalho familiar.

Inseridos na lógica do mercado, não assimilaram no todo suas regras. O tempo que os guia continua a ser, preponderantemente, o da natureza. Produzem em conformidade com as estações do ano, com o movimento do sol, da lua e da vida local. A vida social aparece associada ao ritmo da natureza, às forças individuais e às influências da sociedade mais ampla (que determina o que produzir, como produzir, os preços etc.).

Também os acontecimentos festivos são enraizados de acordo com o ritmo do ciclo agrícola e com o calendário religioso. O caráter fixo e religioso destas festas não lhes retira o caráter lúdico como fazem supor alguns estudos. As relações personificadas fazem com que os acontecimentos festivos caminhem no limiar entre o familiar e o comunitário. Não obstante, a forma como concebem o tempo e o espaço configuram formas específicas de vivenciar o trabalho e as diversões.

Se por um lado percebem o cotidiano árduo, contínuo, impositivo, de outro, também o percebem como prazeroso. Ao lado da aceitação, a recusa, ao lado da tristeza, a alegria. Nas agruras da vida encontram sentidos e alegrias para continuar. Na rigidez imposta e na que se lhes impõem, a possibilidade de subverter. Entre o conformismo e a resistência, as colunas constroem a sua cultura. Está presente no universo e no discurso dessas mulheres a ambigüidade própria da cultura popular de que nos fala

² PEREIRA, O. *O que é teoria*, p. 70.

Marilena Chauí. Ambigüidade, esclarece a autora,

é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas que, como dizia ainda Merleau-Ponty, somente serão alcançadas por uma racionalidade alargada, para além do intelectualismo e do empirismo.³

Não seria o excesso de trabalho o que as impediriam de dedicarem-se às atividades consideradas prazerosas como costurar, bordar, fazer tricô, crochê, pão, bolacha, “schmiers”, cuca, cuidar das flores... São aproveitados os domingos, os períodos prescritos como de descanso, os horários de sol quente, dias de chuva e de frio e à noite.

Se, de um lado, a interiorização da ótica produtivista produz um “corre-corre” diário, de outro, está presente o sabor do saber fazer. O divórcio entre saber e fazer, premissa básica da divisão social do trabalho na sociedade em que vivemos, não se materializa no seu todo no contexto estudado. Contudo, afirmar que a ética do trabalho não atingiu o cotidiano das colonas seria fechar os olhos à realidade vivida por elas. Os próprios corpos expressam uma vida de trabalho. Ou afirmar que relações capitalistas não estejam presentes nas diversas esferas de suas vidas, seria envolvê-las numa capa cujos poros transpiram as influências. Os depoimentos das colonas apontam para a valorização do trabalho, para as influências do tempo linear, para o tempo do mercado determinando o quê e quando produzir, para a mercantilização das festas. A interiorização da inferioridade presente na fala de Dona Corália – “eu nom tenho estudo, nom sei falá direito” – e de Dona Maria – “eu sô meia burra, me falta vocabulário, assim, pra falá” – são expressões da interiorização da divisão técnica do trabalho, o qual produz a diferenciação social. Fica latente uma inquietação: Até quando continuarão se reconhecendo naquilo que fazem? Voltando os olhos para o interior do universo dessas personagens, percebe-se o quanto ele está pontuado pela tensão que compreende viver relações não-mercantilistas no seio de uma sociedade predominantemente regida pelas relações mercantilistas. O impasse estabelecido na fronteira entre a mudança e a recusa é conflituoso e ambíguo e, nem sempre, explicitado conscientemente pelas colonas. Cobrar pelo trabalho realizado nas Festas da comunidade indica recusar o estabelecido pela Igreja, mas, de outro, indica a aceitação de relações movidas pelo dinheiro; discutir contra ou a favor da emancipação (de Vale Vêneto), conforme reuniões presenciadas, refletem o conflito do limiar entre as inovações e melhorias e a conservação de suas relações sociais. Entre as perdas e os ganhos, conscientemente ou não, eles sabem dos limites do poder que possuem e da força do poder exterior a eles.

³ CHAUI, M. *Conformismo e resistência*, p. 123.

O trabalho foi a marca da educação e da socialização das colonas pesquisadas desde as idosas até as mais jovens. Trabalhar é visto como natural, como o cantar (em especial músicas religiosas e italianas) e o rezar durante os afazeres no decorrer do dia.

As mãos fortes, nodosas, a pele dura, as veias saltadas e as cicatrizes formam o mapa de uma vida de trabalho. Mãos que, se não estão revolvendo a terra ou amassando pão, estão fazendo rendas. Mãos, explica Picucha Terra Fagundes na obra de Érico Veríssimo,⁴ que não sabem ficar sossegadas. Mexem, arrumam, cavoucam,

transportam e transformam, desempenhando diversas funções e, sabiamente nos lembra Alfredo Bosi,⁵ o quanto são diversíssimas as funções desempenhadas pelas mãos.

No descanso, trabalham. No trabalho, se cansam e descansam. Acompanha-as o sentimento de que sempre há algo por fazer ou de que um esforço a mais pode ser feito.⁶

Valorizam a não sujeição ao cumprimento de horários, a vida familiar, o dar e receber visitas, o contato com a natureza, a abundância de alimentos, a vida em comunidade, o saber fazer. Para elas, trabalho, natureza e vida, ao contrário de antagônicos, compõem um diálogo de união.

Essas colonas orgulham-se do queijo, do doce, do bordado, do crochê, da horta farta, do pão saboroso, da costura, do frescor do mato, dos animais sadios, do arvoredo limpo, do jardim e dos grãos colhidos. Com gosto mostram-nos ou nos oferecem os frutos do seu trabalho. Diversas vezes sai das suas residências presenteada por esses frutos. Suas produções são manifestações de si mesmas: idealizam, elaboram, vêm e experimentam o resultado de sua atividade. Não existe separação entre o saber e o fazer. Empenham-se para executarem tudo primorosamente, pois tudo é feito e pensado para si, para a sua família e, no caso das festas, também para a comunidade. Através do fazer um queijo, um doce e um pão saboroso, no ter a mesa, a horta e o pomar abundantes, entre muitas outras coisas, se conhecem e são reconhecidas.⁷

Desconhecem a fragmentação que Simone Weil,⁸ através de palavras fortes e pungentes advindas da própria experiência no trabalho de fábrica, nos ensina, essência da escravidão. Executar sucessivos e

⁴ VERÍSSIMO, E. *O tempo e o vento*, pp. 310-315.

⁵ BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*, pp. 53-57.

⁶ Sentimento e estímulo faltam aos operários das fábricas, como discute Simone Weil em *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*.

⁷ Santim, em *A imigração esquecida*, p. 64, lembra que para esses colonos o trabalho também é uma forma de “avaliação das pessoas”.

⁸ WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*.

repetidos gestos, numa cadência frenética, pregado num ponto do espaço, impedidos de cantar e de sonhar é a servidão a que estão submetidos os operários curvados sobre a fria ferragem. Deles são roubados as habilidades, a inteligência, a dignidade e o auto-respeito, confessa a autora, em carta a uma amiga. Também Ecléa Bosi nos fala,⁹ sobre o sofrimento silencioso e a infelicidade muda de operárias da cidade de São Paulo.

As colonas participam, através do aguçamento de todos os sentidos, da sinfonia da natureza:¹⁰ os olhos atentos observam e acompanham a semente nascer e germinar, o movimento da lua, das nuvens; o canto dos pássaros, o coaxar do sapo, o latido do cachorro, são constantes fontes de informações orientadoras; o olfato apurado lembra o ponto de cozimento do doce, a chegada da chuva; as mãos e os pés tocam, amassam, apertam, sentem e elaboram. Observam e admiram-se com o belo existente na natureza e com a obra das mãos, que nela agem e transformam.

O trabalho, discute Marx, faz parte da essência humana; é uma manifestação de sua personalidade, assim como a sua relação com a natureza:

a natureza é seu corpo com o qual ele deve manter uma conexão constante para não morrer. Afirmar que a vida física e intelectual do homem está indissolivelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza é indissolivelmente ligada a ela mesma, de vez que o homem é uma parte da natureza.¹¹

Faz parte da essência humana a alegria e o prazer advindos do fazer, nos lembra Marx. Alienar o trabalhador do processo e do produto de sua atividade é torná-lo estranho a si mesmo e à natureza; é mortificá-lo. Com base nisso há que se pensar: A redução das horas de trabalho, como sugerem alguns autores, devolveria a alegria e a dignidade humana extorquidas nele? Ainda assim o caráter exploratório e desumanizador do trabalho não estaria sendo preservado? A arte, a alegria e o saber destituídos no trabalho podem ser compensados no lazer?

Marx e Simone Weil nos lembram o quanto é humano associar o pensamento à ação – alimento condutor de satisfação e alegria. Bom seria, enuncia Simone através da sua experiência, se o operário pudesse “depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la intacta à saída! Mas é o contrário que se dá! Ela vai com a gente para a fábrica, onde sofre; de noite este esgotamento como que anulou, e as horas de

⁹ BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular*.

¹⁰ Schaffer, em “O mundo dos sons”, adverte para as sensíveis mudanças da civilização tecnológica na paisagem sonora.

¹¹ MARX, K. *Economia política e filosofia*, p. 328.

lazer são inúteis”.¹² Qual lazer poderia restituir o que as pessoas perdem de si no trabalho? A autora segue seu pensamento nos advertindo contra os sistemas de reformas ou de transformação social anunciadores da diminuição da duração do trabalho. Se o trabalho não se oferecer enquanto ação/reflexão, inúteis continuarão sendo as horas de não-trabalho: “ninguém aceitaria ser escravo por duas horas; a escravidão, para ser aceita, deve durar por dia o bastante para quebrar alguma coisa dentro do homem”.¹³

O ritmo com que as colonas executam as tarefas obedece, juntamente com a necessidade do próprio trabalho, os corpos, as forças, o cansaço e a idade: “a gente faz o que pode”, “eu nom sô mais tom ligera”, “eu sô meia lerda, nom tenho aquela presteza”, “a gente nom faz mais como fazia uma vez”.

O trabalho, enquanto manifestação constituinte da vida, adquire conotação de auto-realização. E a diversão, amiúde de caráter religioso-católico, apresenta-se relacionada ao todo social. Está integrada em suas vidas. Antes de ser um tempo, ou uma mercadoria a ser adquirida, é vivenciada no cotidiano, entremeada nos afazeres, na relação com a família e com a comunidade.

É bem verdade ser a maior parte do tempo dedicado ao trabalho, mas é preciso dizer que a existência da divisão entre trabalho e diversão, nitidamente presente no cotidiano da maioria das pessoas, parece não estar tão demarcada na vida dessas mulheres. Talvez porque o trabalho não seja um tempo que compõe o dia, nem somente um meio de sobrevivência. Ou, talvez, porque o *fazer* tenha sido sua escola e nele tenha aprendido a arte e a poesia do *saber fazer*, que clama Herbert Read.¹⁴ Ou, ainda, porque não só o produto possui significado, mas também o processo. Enfim, talvez porque o trabalho não é um outro, fora delas, que não compreendem. E, finalmente, porque nele celebram a criação, a contemplação, a oração, a expressão de si mesmas.

Quando o trabalho é esvaziado de sentido e diversão, busca-se no seu oposto (tempo de não-trabalho) o encontro com o divertimento. Expressão, satisfação, felicidade, autonomia, são sentimentos motores da trajetória de um percurso pelas atividades oferecidas pela indústria do consumo. No entanto, argumenta Bruno Bettelheim, a propósito dos perigos que ameaçam a autonomia na nossa sociedade:

uma vida bastante variada poderá ainda parecer estéril se as atividades e experiências não tiverem o toque da preferência pessoal, não brotarem de um estilo de vida individual e significativo(...). As atividades assumidas por estarem à mão ou ‘estarem na moda’ transformam-se numa coleção

¹² WEIL, S. op. cit., p. 134.

¹³ WEIL, S. op. cit., p. 140.

¹⁴ READ, H. *A redenção do robô*.

heterogênea de experiências. Como não têm características intrínsecas comuns, dificilmente poderão acrescentar-se, nem formar um campo integral que seja mais do que a soma de suas partes. Uma vida assim torna-se, portanto, fragmentada, e é experimentada como ‘vazia’, mesmo que sua falta de significado seja disfarçada por uma atividade febril.¹⁵

Sob esta perspectiva uma coisa é perceber o lazer, a diversão, o lúdico no interior da cultura, como elementos essenciais e constitutivos. Outra, é confundi-los como sendo a própria cultura. O prisma do mercado, segundo as reflexões desenvolvidas por Marilena Chauí, “reduz a cultura à condição de lazer/diversão e espetáculo”.¹⁶ Ao reduzi-la ao consumo, ao espetáculo, a algo a ser adquirido, reduz, do mesmo modo, o lazer a um tempo para o usufruto e aquisição desses bens e serviços oferecidos pelo mercado. Participar e fazer uso desses bens significa ter acesso à cultura, em outras palavras, significa ter cultura. Significa, além disso, participar da esfera do lazer e da vida social.

Pensar o lazer como bens a serem adquiridos é uma idéia que nos barbariza, pois arrebatada para além de nós, para o exterior – no consumo – o encontro com a arte, com o lúdico, com a diversão, com dimensões que deveriam estar presentes em tudo o que fazemos.

Para as colonas o ambiente de trabalho sendo “a morada da vida”,¹⁷ abre possibilidade para momentos de “folga”, para atividades prazerosas, para visitar, jogar, participar da roda de chimarrão, dormir depois do almoço, ler, cantar, conversar, caminhar pelos “pátios” ao entardecer e depois da chuva, plantar flores, oferecer e permutar frutos, ouvir rádio, assistir à televisão.

As diversões, portanto, não aparecem como um “outro” na vida – como sugere Henri Lefebvre¹⁸ – ou um tempo liberado das diversas obrigações – como acena Joffre Dumazedier. Inexistem tempos definidos para o trabalho e para a diversão. Não há possibilidade de separá-lo aqui do trabalho, nem mesmo das atividades familiares, religiosas e comunitárias, pois estas esferas articulam-se entre si e compõem um todo constituindo a própria vida das colonas. Com vistas nestes autores, não existe lazer neste contexto específico? Segundo as vozes e vidas das colonas, como pensar o trabalho e a diversão desvinculados das demais esferas da vida? Para elas há continuidade entre o trabalho e a vida, entre a festa e a existência diária, entre os domingos e os dias que seguem, entre o sagrado e o profano, entre o familiar e o comunitário.

Não obstante, a dicotomia entre trabalho e lazer apresentada por muitos autores como núcleo explicativo

¹⁵ BETTELHEIM, B. *O coração informado*, p. 76.

¹⁶ CHAUI, M. *Cultuar ou cultivar*, p. 52.

¹⁷ Cf. HERÉDIA, B. *A morada da vida*.

¹⁸ LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*.

parece não ser o caminho mais correto. O trabalho, enquanto necessidade humana, faz parte da vida assim como a alegria e a satisfação advindas dele. Compartimentalizar trabalho e lazer como dois mundos distintos não seria fragmentar o tempo, o homem, a cultura, o todo? Acostumados a pensar o lazer enquanto tempo passado na companhia de coisas, concluímos falsamente que as populações rurais não possuem diversões, ou que possuem menos variações. Adentrando no cotidiano das colônias de Vale Vêneto

percebemos não haver necessidade de equipamentos sofisticados para haver diversão. Ela pode se apresentar nos trabalhos de agulha, como nos mostrou Dona Augusta, nos cuidados com as flores, como acentuou Dona Joana, na alegria da visita e nas recordações do passado, como apontou Dona Amália, nos trabalhos preparativos das festas comunitárias, como nos contou Dona Vitória.

Portanto, se embuídos por valores culturais urbanos, ou por uma determinada concepção de lazer, poderíamos denominar as diversões vividas neste contexto rural de pobres, atrasadas, pouco elaboradas ou, ainda, poderíamos dizer que lazer não existe ali.¹⁹ Basta entrar em suas vidas para perceber que a forma particular e autêntica de divertirem-se refletem valores e modos de pensar densos de significação.

Parece ser necessário romper com a fundamentação do lazer na dicotomia trabalho/lazer, pois ela incapacita-nos de perceber a diversidade de relações sociais existentes, por exemplo, num país como o Brasil; incapacita-nos de perceber as diferenças e contradições existentes no interior de um grupo social e, mais especificamente, incapacita-nos de considerar as múltiplas formas de manifestação e expressão próprias do ser humano enquanto ser social.

Neste contexto, evidencia-se que o termo *lazer*, devido às formas como tem sido concebido, não se aplica a qualquer realidade, daí as minhas reservas no uso do termo.

No âmbito do estudo, o lazer, antes de estar circunscrito a um determinado tempo, a determinadas atividades e espaços, ou ser uma questão de atitude, é parte constituinte de um todo. De outro modo, estaríamos segmentando-o e segmentando a vida dos sujeitos do estudo. Para as colônias, a sala, a cozinha, o quarto de costura, os fundos da casa, a roça, as estradas, o “povoado”,²⁰ são espaços que podem se revestir de ludicidade. Não há um local e um tempo específico para sua realização, porque o

¹⁹ José G. Magnani contribui significativamente para esta questão quando discute as formas e o significado das diversões existentes num bairro operário de São Paulo. Explica o autor ter sido apenas através do convívio e aos poucos que passou a aprender “a dar o devido valor a acontecimentos aparentemente corriqueiros, como aniversários e casamentos, a identificar a rede de relações mobilizada num torneio de futebol de várzea, a ver com outros olhos o entusiasmo de uma excursão de farofeiros (...)” *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*, p. 13.

²⁰ Centro da comunidade onde estão a Igreja, o Salão Paroquial, a Escola, o Clube, o Mercado.

lúdico, a diversão se inscrevem na ação diária.

Estas relações sociais nos alertam para a artificialidade da fragmentação entre trabalho e diversão, entre saber e fazer, entre a cultura e o vivido e para a artificialidade do tempo linear. Thompson²¹ bem traduziu sobre o tempo cronometrado enquanto mecanismo de controle, de dominação e sobre a contestação do povo às imposições de um outro ritmo, de uma outra lógica aos quais não estavam afeitos. A vida das colonas nos ensina que as necessidades humanas vão além das relações econômicas. Somos mais que seres produtivos.

Huizinga,²² já em 1938, apontava para o desaparecimento do elemento lúdico na vida dos homens, alertando que quem perde com o seu desaparecimento é a humanidade. Com a perda do conteúdo não-material presente no jogo, da diversão ocasional, da arte, do sagrado, da estética, perdem-se qualidades essenciais da vida. Rompe-se com a totalidade e com a comunhão entre as coisas belas.

Na comunidade, resistem à individualização nas relações sociais e vivem relações mais personificadas, mostrando-nos o sabor encontrado aí. Ao permanecerem na terra, resistem para não tornarem-se “flor murcha”, como se refere Dona Ana à cidade e às pessoas que nela moram. Elas nos mostram o quanto é humano obedecer ao ritmo do mundo, da lua e do sol, o qual comporta a diversidade, o imprevisível, o inusitado e, também, o seguro retorno do que lhes é caro e estimado.

Recorrendo à narrativa de Herbert Read, ele nos lembra:

Não é a alma humana, em sua liberdade, que anseia por entretenimento e pelo fim do tédio: são as almas amontoadas nas cidades, afastadas da terra e das quatro estações, privadas da alternância natural de atividades que satisfaçam. A cidade é literalmente um complexo, e deste emerge uma vasta neurose social, da qual esse “problema do lazer” é apenas um dos sintomas.²³

O contato com as coisas simples e as sensações de bem-estar proporcionadas, conforme os depoimentos das colonas, pela brisa após a chuva, pelo orvalho na grama, pelos grãos colhidos, de certo modo, não fazem parte do cotidiano daqueles cuja vida realiza-se predominantemente entre bases de concreto e cujas mãos não tocam a terra.

A vida em comunidade tem como um dos vínculos de sustentação o jogo, as festas, os

²¹ E. P. Thompson, em “O tempo, a disciplina do trabalho e o sistema industrial”, indica como se deu a generalização do controle do tempo e do ritmo na vida das pessoas através do uso do relógio.

²² HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*.

²³ READ, H. *A redenção do robô*, p. 57.

encontros na “Sociedade”, enfim, as manifestações lúdicas. Funcionam como elo de ligação constante entre os colonos e, entre a diversão e a discussão, alimentam laços de solidariedade e as regras que constroem e reconstróem as relações sociais. Bem nos mostrou o próprio estudo dessas manifestações que, ao lado da solidariedade, desenvolvem-se, também, desigualdades, diferenças e contradições no interior deste grupo social. Portanto, o uso do termo comunidade não teve a intenção de conotar relações homogêneas, mas designar um agrupamento que se move em torno de um coletivo e troca identidades determinadas por essa coletividade. Diferindo, pois, dos bairros urbanos onde os indivíduos estabelecem identidades entre si, majoritariamente, por sua inserção nas relações de produção.²⁴

O estudo das manifestações festivas apontaram, ainda, para as dificuldades engendradas nos moradores da colônia: distância entre as residências e o “povoado”, falta de companhia para determinados acontecimentos, isolamento, diversidade dos trabalhos diários e inadiáveis, divisão de tarefas, valores morais. Essas dificuldades restringem possibilidades e asseguram às mulheres o espaço doméstico. Mas, se geram dificuldades para a participação dos jogos, celebrações religiosas e festividades, a aspiração e a superação, por vezes, desses entraves, demonstradas pelas colonas, apontam para o quanto necessitamos do encontro, do outro e da festa na vida.

Essas mulheres, cuja formação desde a mais tenra idade se deu pelo trabalho, antes das letras, oferecem, através de suas vidas, lições que podem contribuir para a humanização das relações sociais.

Repensar os rótulos dirigidos a essas populações parece necessário. Taxar suas formas de vida e seus valores de conservadores, ultrapassados, significa, muitas vezes, consagrar como correta e moderna uma outra realidade. O repouso nos estereótipos, nos lembra Ecléa Bosi,²⁵ conduzem a um estreitamento do campo mental, pois recortamos e recolhemos o que se encaixa e enquadra e desprezamos tudo o mais. Por conseguinte, presos em suas malhas, estaríamos desconsiderando o processo de continuidade de um estilo de vida aprendido ao qual também somos herdeiros. E, além disso, estaríamos virando as costas ao cotidiano, enquanto terreno multifacetado capaz de abarcar ambigüidades e contradições.

“São as gotas de passado vivas que se deve preservar zelosamente, em toda parte, em Paris ou no Taiti, indistintamente, porque não há muitas mais no globo inteiro”,²⁶ chama a atenção Simone Weil. E

²⁴ Ver CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*.

²⁵ BOSI, E. *Entre a opinião e o estereótipo*.

²⁶ WEIL, S. op. cit., p. 353.

continua na sua argumentação relembrando que “não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado”.²⁷ E sugere a necessidade de “encarar, antes de mais nada, em toda a inovação política, jurídica ou técnica suscetível de repercussões sociais, uma conciliação que permita aos seres humanos reencontrarem suas raízes”.²⁸

Tais proposições, como podem parecer, não são um evocar nostálgico ou clamores de retorno ao passado. O sistema industrial é o nosso legado. Mas, se não quisermos fechar os olhos às artificialidades geradas por ele e às suas conseqüências, podemos aprender através da voz e das mãos das colunas que o trabalho e a diversão, antes de serem tempos determinados e atividades determinadas, são partes articuladas constituintes da vida.

²⁷ Ibid., p. 354.

²⁸ Ibid., p. 354.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, B. *O coração informado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____. *Cultura com tradição*. In: BORNHEIM, Gerd et al. (Org.). *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Entre a opinião e o estereótipo*. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 32, p. 111- 8, mar. 1992.
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHAUÍ, M. S. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Cultuar ou cultivar*. *Teoria e Debate*, n. 8, p. 50-6, out./dez. 1989.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e Cultura popular*. SP: Perspectiva, 1973.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HEREDIA, B. *A morada da vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1958.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARX, K. *Economia política e filosofia*. Rio de Janeiro: Melso, 1963.
- PEREIRA, O. *teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PRONOVOST, G. *Loisir, culture et société*. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 5, 1993, Bertioga. Conferência. Bertioga: Sesc/ Unicamp, 1993.
- READ, H. *Educação nas coisas*. In: _____. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986, pp. 48-61.
- SANTIM, S. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1986.
- PRONOVOST, G. *Loisir, culture et société*. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 5, 1993, Bertioga. Conferência. Bertioga: Sesc/ Unicamp, 1993.
- READ, H. *Educação nas coisas*. In: _____. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986, pp. 48-61.
- SANTIM, S. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1986.
- THOMPSON, E. P. *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação*

humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 44-93.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VERÍSSIMO, É. *O tempo e o vento*. 29. ed. São Paulo: Globo, 1994

Elizara Carolina Marin

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física/unicamp

Referência do artigo:

ABNT

MARIN, C. E. O lúdico na vida. Conexões, v. 1, n. 2, p. 32-46, 1999.

APA

Marin, C. E. (1999). O lúdico na vida. Conexões, 1(2), 32-46.

VANCOUVER

Marin, CE. O lúdico na vida. Conexões, 1999: 1(2): 32-46.